



18 de Outubro de 2023

Cabo Ligado Mensal: Setembro de 2023

[Cabo Ligado](#) é um observatório de conflitos em Moçambique lançado pela ACLED, Zitamar News e MediaFax.

ESTATÍSTICAS VITAIS

- ACLED regista 14 eventos de violência política em Cabo Delgado em Setembro, resultando em pelo menos 22 fatalidades reportadas, com eventos ocorridos nos distritos de Macomia, Mocímboa da Praia e Muidumbe
- Em nove destes incidentes, os civis foram alvos, resultando em pelo menos 13 fatalidades
- Foram registados quatro incidentes com engenhos explosivos improvisados durante o mês

TENDÊNCIAS VITAIS

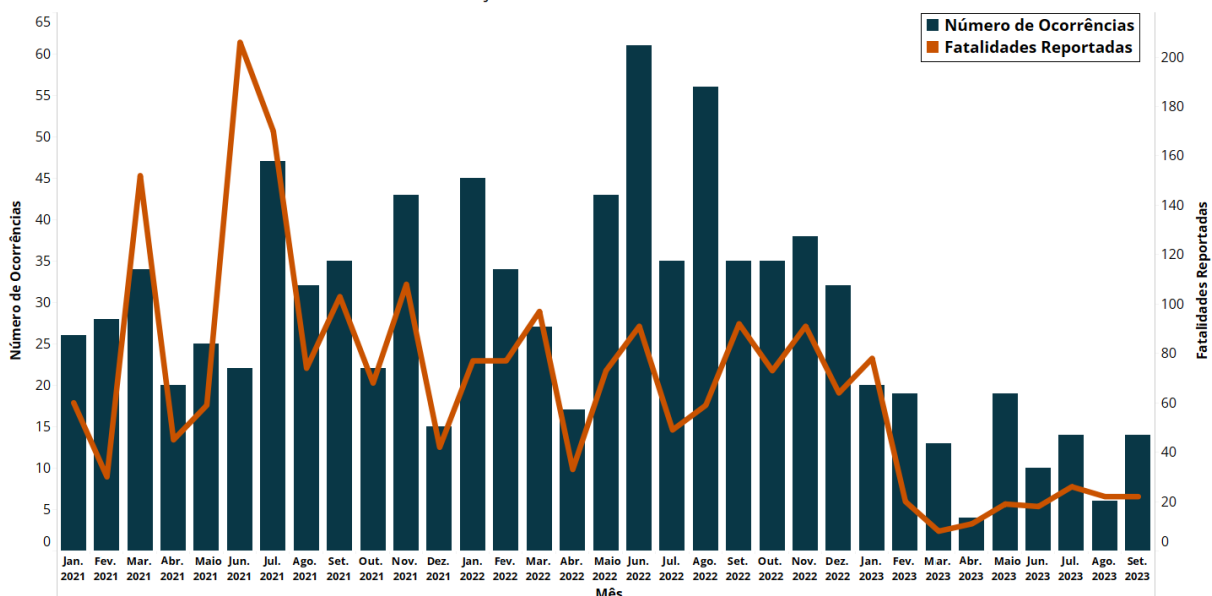
- Utilização contínua de engenhos explosivos improvisados pelo Estado Islâmico de Moçambique
- Ataques significativos de civis e deslocamentos associados
- Campanha para as eleições autárquicas decorre de forma livre

NESTE RELATÓRIO

- A nova guerra dos engenhos explosivos improvisados
- Conflito e estabilização nas eleições de Mocímboa da Praia
- Retorno a ataques contra civis

Violência Política e Fatalidades Reportadas em Cabo Delgado

1 Janeiro 2021 - 30 Setembro 2023



RESUMO DA SITUAÇÃO DE SETEMBRO

Tal como em Agosto, os eventos de violência política concentraram-se nos distritos de Macomia, Mocímboa da Praia e Muidumbe em Setembro. No entanto, até ao dia 14, houve mais do dobro de eventos de violência política no mês em comparação com o mês anterior, que teve seis. Setembro também marcou o início da campanha para as eleições municipais de 11 de Outubro em Mocímboa da Praia. Apesar das preocupações, o Estado Islâmico de Moçambique (EIM) não tentou prejudicar directamente a campanha.

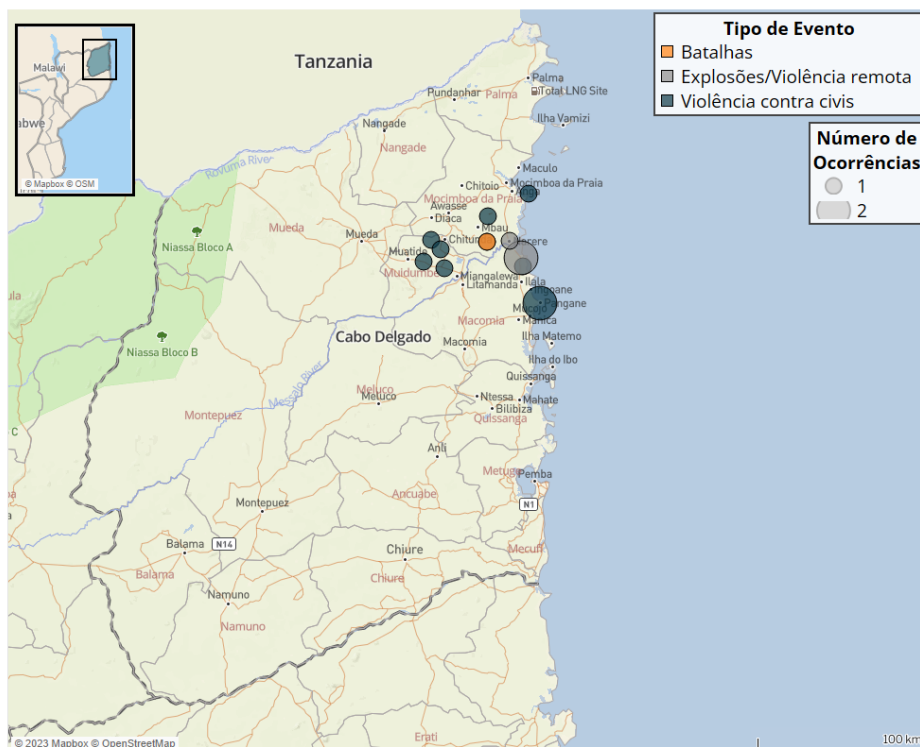
Os ataques do EIM e as ameaças de mais violência levaram à deslocação de milhares de civis em Setembro. O assassinato de pelo menos 11 civis pelo EIM em Naquitengue, no distrito de Mocímboa da Praia, no dia 14 de Setembro, levou mais de 2.000 pessoas a fugir da aldeia e arredores para a cidade de Mocímboa da Praia. No final do mês, a Organização Internacional para as Migrações (OIM) registou o deslocamento de mais de 4.700 pessoas de outras quatro aldeias no sul de Mocímboa da Praia por medo de ataques. No distrito de Macomia, a OIM registou quase 900 pessoas que fugiram de barco da aldeia de Pangange para sul, chegando às [ilhas Quirimba e Matemo](#), e à sede [do distrito de Quissanga](#). Outras 560 pessoas fugiram dos ataques e temiam ataques no distrito de Muidumbe, dirigindo-se para a sede distrital de Muidumbe.

O afluxo de pessoas deslocadas para a vila de Mocímboa da Praia não parece ter perturbado a campanha, a votação e a contagem dos votos para as eleições municipais de 11 de Outubro. Apesar de a deslocação civil ser uma tática declarada do EIM, não é claro se o EIM impulsionou o aumento da deslocação em Setembro com o objectivo de perturbar as eleições. Além disso, o EIM não tentou interferir ativamente nas campanhas.

Registaram-se quatro incidentes com IED no mês - dois em cada distrito do sul de Mocímboa da Praia e Macomia. A utilização de engenhos explosivos pelo EIM está a aumentar, uma tática que provavelmente reflecte o número decrescente de combatentes, tanto quanto o aumento da sofisticação técnica e tática.

Violência Política em Cabo Delgado

Setembro 2023



A NOVA GUERRA DOS ENGENHOS EXPLOSIVOS

Por Tom Gould, Cabo Ligado

O mês de Setembro poderá vir a marcar uma mudança profunda no carácter do conflito na província de Cabo Delgado, à medida que os insurgentes lançaram uma campanha sem precedentes de ataques com engenhos explosivos contra patrulhas militares nos distritos de Macomia e Mocímboa da Praia. O EIM assumiu a responsabilidade por seis ataques de engenhos explosivos entre 11 de Setembro e 1 de Outubro, embora apenas dois tenham sido confirmados até agora. Ainda assim, isto representa um aumento significativo nos incidentes que até agora têm sido apenas uma característica ocasional dos combates.

Os ataques de engenhos explosivos têm visado principalmente duas estradas principais: uma entre Mbau e Limala, em Mocímboa da Praia, e outra entre Quiterajo e Mucojo, em Macomia. Estas estradas são vias vitais para as forças de segurança. A primeira fornece acesso à base das Forças de Segurança Ruandesas (RSF) em Mbau, enquanto a outra é necessária para o movimento ao longo da costa, onde a actividade insurgente está concentrada há vários meses. Ambas as rotas são cercadas por florestas, o que permite aos insurgentes colocar explosivos e retirar sem serem detectados.

Cabo Ligado entende que as forças de segurança acreditam que poderão existir até quatro fabricantes de bombas a operar atualmente em Cabo Delgado. Isto explicaria a crescente prevalência de engenhos explosivos, bem como a sua crescente sofisticação. Os insurgentes usaram engenhos explosivos ocasionalmente durante o conflito, mas geralmente eram primitivos, montados com componentes de baixa qualidade. Em [Julho](#) deste ano, os insurgentes pareceram ter utilizado com sucesso pela primeira vez um explosivo detonado remotamente, destruindo um veículo blindado de transporte de pessoal moçambicano. A maioria dos engenhos explosivos recentes parecem ser activados por pressão, mas os insurgentes demonstraram que possuem uma nova gama de conhecimentos especializados.

Os engenhos explosivos representam uma estratégia decididamente nova para a insurgência, que normalmente tem favorecido ataques com armas ligeiras contra alvos militares e civis. Permitem que os insurgentes minimizem as baixas do seu próprio lado, ao mesmo tempo que infligem o caos ao outro e os impedem de responder eficazmente aos incidentes. A ameaça invisível, mas sempre presente, de passar por cima de uma bomba escondida já está a ter um impacto psicológico nas tropas moçambicanas que não tiveram formação neste tipo de guerra, disse uma fonte local ao Cabo Ligado.

Os insurgentes têm normalmente evitado confrontos directos com as mais bem treinadas e fortemente armadas RSF, e a Missão da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral em Moçambique (SAMIM), mas os engenhos explosivos equilibraram as probabilidades. As tropas internacionais têm sido os principais alvos das bombas nas estradas este mês, colocando-as mais na linha da frente do que têm estado desde a ofensiva para recapturar Mocímboa da Praia em Agosto de 2021.

Depender de engenhos explosivos provavelmente é resultado da necessidade. Um relatório do Conselho de Segurança das Nações Unidas [estimou](#) em Fevereiro de 2023 que havia cerca de 280 combatentes adultos do sexo masculino no terreno, abaixo dos cerca de 2.500 antes da intervenção das RSF e da SAMIM em Julho de 2022. Os dados da ACLED mostram que os casos mensais de violência política diminuíram para um mínimo histórico de apenas três em Abril deste ano e quase não se recuperou desde então. É evidente que a capacidade ofensiva da insurgência foi completamente desgastada nos últimos dois anos e já não dispõe de recursos para enviar soldados para a batalha como costumava fazer.

Isto representa um desafio fundamental para a sustentabilidade da insurgência, que obteve a maior parte

do seu armamento nos arsenais saqueados das Forças de Defesa e Segurança de Moçambique (FDS). Sem efectivos necessários para atacar as posições das FDS, os insurgentes terão dificuldade em reabastecer-se. Os engenhos explosivos permitem à insurgência continuar a luta sem colocar os seus homens na linha de fogo.

A natureza dos engenhos explosivos significa que os insurgentes podem não estar necessariamente presentes para verificar se foram implantados com sucesso. As alegações do EI de danificar ou destruir veículos blindados de transporte de pessoal devem, portanto, ser tratadas com cepticismo. Poucas fotografias de veículos destruídas surgiram este mês, embora o jornal al-Naba do EI [argumente](#) que isso se deve ao facto de serem deliberadamente recuperados o mais rápido possível para que não possam ser usados em propaganda insurgente. No entanto, as redes sociais do EI provaram ser uma das fontes de informação mais fiáveis sobre os ataques em Cabo Delgado e cada reivindicação indica provavelmente pelo menos uma tentativa de implantação de um engenho explosivo.

Privados de recursos e de recrutas, os líderes insurgentes podem ter percebido que não podem continuar a travar o mesmo tipo de guerra com armas ligeiras, pelo menos não enquanto enfrentam o poder de fogo superior das RSF e da SAMIM. Se os acontecimentos deste mês são indicativos de uma nova tendência, pode ser que a insurgência esteja a apostar em ganhar o seu tempo, esvaziando as forças de segurança em tropas, equipamento e moral da segurança do mato, até que recupere a sua força para atacar decisivamente mais uma vez.

CONFLITO E ESTABILIZAÇÃO NAS ELEIÇÕES DE MOCÍMBOA DA PRAIA

Por Tomás Queface, Cabo Ligado

Desde as primeiras eleições multipartidárias em 1994, o processo eleitoral em Moçambique tem sido caracterizado por conflitos antes e depois da votação. Estes conflitos, que opõem sobretudo os inimigos históricos, a Frelimo e a Renamo, conduzem frequentemente a perturbações políticas, sociais e de segurança. Quando o conflito eleitoral está interligado com questões étnicas e religiosas, a situação tem o potencial de criar cenários de maior instabilidade.

As eleições municipais na vila sede de Mocímboa da Praia, um dos sete municípios de Cabo Delgado, no dia 11 de Outubro, representaram um elevado risco de instabilidade, com potencial para exacerbar a insegurança, aumentando o nível de tensão e agravando as divisões políticas, étnicas e religiosas. Mas a realização bem sucedida das eleições poderia, pelo contrário, ser também uma oportunidade para consolidar a estabilização da área.

A campanha para as eleições autárquicas nos 65 municípios de Moçambique, incluindo Mocímboa da Praia, começou a 26 de Setembro. Segundo a Comissão Nacional Eleitoral (CNE), cerca de 30.438 eleitores recensearam-se para votar em Mocímboa. A campanha eleitoral arrancou num ambiente de elevada tensão e insegurança, com violência a ocorrer em algumas aldeias do sul do distrito, particularmente no posto administrativo de Mbau, onde a ACLED registou quatro incidentes de violência política envolvendo várias forças de segurança em Setembro. Uma onda de deslocações para a vila de Mocímboa da Praia seguiu-se ao [assassinato de civis](#) na aldeia de Naquitengue e às incursões dos insurgentes em Marere e Limala. Duas semanas depois, o Comandante Geral da Polícia Bernardino Rafael [garantiu à população](#) que a segurança seria reforçada para as eleições.

Contudo, o clima de insegurança não impediu que os partidos políticos fizessem campanha. Quatro partidos disputaram as eleições: a Frelimo, que luta para manter o controle da vila; partidos de oposição

Renamo e MDM; e um grupo de cidadãos locais, Amigos e Simpatizantes da Mocímboa da Praia-UMODJA.

Os partidos da oposição construíram as suas campanhas eleitorais em torno de temas diferentes. Enquanto a Frelimo se concentrava em restaurar a base económica local, os partidos da oposição procuravam explorar as fissuras do conflito. A UMODJA, liderada por Paulo Weng, centrou a sua campanha no conflito, criticando o governo local por não ter conseguido apoiar a população mesmo após o primeiro ataque, que destruiu muitas famílias e forçou muitas a abandonar o local. As críticas de Weng lembram como Mocímboa da Praia ainda se recupera da destruição causada pelos ataques e ocupação militantes e pelo lento processo de reconstrução. A Renamo, tal como nas eleições presidenciais de 2019, ligou a Frelimo ao grupo insurgente, [culpando a Frelimo por ter trazido o "Al Shabab"](#). Os apoiantes da Renamo argumentaram que os ataques armados em Cabo Delgado foram causados por uma combinação de brutalidade governamental, inacção e corrupção. Também culpam o governo pela criação da insurgência para manter o poder e impedir a população de partilhar os recursos da província.

O discurso da Renamo baseia-se nas históricas relações antagónicas dentro da população de Mocímboa da Praia, formadas ao longo de linhas étnicas e religiosas. A população étnica Mwani tem-se sentido excluída da política e das oportunidades económicas, o que explica a sua tendência para votar na Renamo. Os Makondes, por outro lado, são uma importante base de apoio à Frelimo e justificam o seu acesso ao poder – incluindo o actual presidente Filipe Nyusi, que é Makonde – com base no seu envolvimento na guerra anticolonial. O conflito entre os dois lados atingiu o ponto mais baixo com uma disputada eleição intercalar para o cargo de presidente do conselho autárquico em 2005. O resultado, que deu a vitória ao candidato da Frelimo, foi amplamente rejeitado pelos apoiantes da Renamo, levando a dias de tumultos.

Este ano, não se registaram relatos de violência eleitoral em Mocímboa da Praia. Isto pode ser um indicador de que, apesar das diferenças políticas, ideológicas e étnicas, a população concorda com a necessidade de estabilização na área. E apesar do tempo que levou para a reconstrução da vila, a Frelimo conseguiu ir às eleições com histórias positivas para contar: o porto e o aeródromo de Mocímboa da Praia foram ambos reabertos pelo Presidente Nyusi dias antes da votação, e há fortes indícios de que o projecto de gás natural liquefeito (GNL) será efectivamente reiniciado. A ausência de violência também reflecte a forte presença de segurança na vila e, em particular, a presença da RSF, que goza de confiança local.

No momento em que este artigo foi escrito, a comissão eleitoral provincial tinha [declarado uma vitória da Frelimo](#) na vila. Ao contrário de outras partes do país, é pouco provável que o resultado seja objecto de uma contestação séria. A continuação da governação da Frelimo no município evitará conflitos com a administração distrital nomeada pelo governo central, mas poderá contribuir para um sentimento contínuo de exclusão entre os Mwani.

RETORNO AOS ATAQUES CONTRA CIVIS CIVIS

Por Peter Bofin, Cabo Ligado

A OIM registou mais de 8.000 novos deslocados na província de Cabo Delgado no mês passado. As pessoas fugiam dos ataques, ou do medo de ataques, nos distritos de Macomia, Mocímboa da Praia e Muidumbe. Isto surge na sequência do assassinato de Bonomade Machude Omar em Agosto e nos dias que antecederam as eleições municipais de 11 de Outubro. Também surge num momento em que a TotalEnergies está [a considerar](#) o levantamento de casos de força maior no seu projeto de GNL.

Os dois maiores deslocamentos ocorreram no Posto Administrativo de Mbau, no sul do distrito de Mocímboa da Praia. Após os assassinatos de 14 de Setembro na aldeia de Naquitengue, mais de 2.000 pessoas chegaram a Mocímboa da Praia entre 14 e 20 de Setembro. O percurso de Naquitengue até à sede

do distrito segue um caminho de terra batida através de mata maioritariamente desabitada durante quase 25 quilómetros. Os recém-chegados à vila, vindos de Naquitengue, ficaram provavelmente traumatizados, após o assassinato de pelo menos 11 dos seus vizinhos.

Muitos dos deslocados pelo ataque de Naquitengue eram provavelmente oriundos de outras aldeias. Naquitengue é um povoado pequeno e, como acontece com todos os incidentes deste tipo, as notícias dos assassinatos espalharam-se rapidamente; ACLED recebeu relatos iniciais do incidente na manhã de 15 de setembro. A notícia terá incutido medo nas populações do sul de Mocímboa da Praia, tal como é o propósito de tais ataques. Como foi afirmado em [al-Naba em Janeiro](#), “a decapitação de um cristão numa aldeia tornou-se suficiente para deslocar centenas de cristãos nas aldeias vizinhas”.

No final do mês, entre 27 de Setembro e 2 de Outubro, a OIM registou 4.700 pessoas que [fugiram a pé](#) para a sede do distrito de Mocímboa da Praia, provenientes das aldeias de Calugo, Luxete, Marere e Nazimoja, no Posto Administrativo de Marere, temendo ataques. Estas aldeias ficam a aproximadamente 30 km a sul da vila de Mocímboa da Praia.

As pessoas tinham bons motivos para ter medo. Mbau registou uma actividade insurgente considerável no mês passado e registou um [aumento significativo](#) na actividade insurgente em comparação com o ano passado. No [mês passado](#), a área assistiu a uma série de incidentes com engenhos explosivos na estrada que vai a leste da aldeia de Mbau, e a um confronto entre insurgentes e as RSF em Limala, uma aldeia naquela estrada, no dia 26 de Setembro. Esse confronto e a retirada dos insurgentes provavelmente provocaram a onda de deslocamentos que começou em 27 de Setembro.

Tal como foi em Mocímboa da Praia, as coisas foram mais complicadas no distrito de Muidumbe. A OIM [registrou](#) que 560 pessoas fugiram para a sede do distrito de Muidumbe devido a “ataque ou medo de ataque”. Em Xitaxi, pelo menos, foi novamente um ataque contra civis que forçou as pessoas a fugir. A área tem visto movimentos persistentes de pequenos grupos de combatentes nas últimas semanas.

Em Macomia as coisas eram mais complicadas. Mais de 800 pessoas fugiram de barco da aldeia de Pangane, segundo a OIM, viajando mais de 40 quilómetros para sul até ao distrito de Quissanga, chegando à [sede do distrito de Quissanga](#), e às [ilhas Quirimba e Matemo](#). Acredita-se que uma tentativa dos insurgentes de sequestrar pessoas para suas fileiras tenha desencadeado o êxodo.

O recrutamento forçado em Pangane, os assassinatos em Naquitengue e a fuga de pessoas face aos ataques do EIM indicam que a chamada abordagem de “corações e mentes” do EIM perdeu qualquer força que pudesse ter tido junto das comunidades. Embora devastadores para as comunidades afectadas, estes eventos têm menos impacto em desenvolvimentos mais amplos do que o EIM poderia ter esperado. No município de Mocímboa da Praia, a campanha para as eleições de Outubro decorreu pacificamente durante o mês de Setembro. Também é improvável que a consideração da TotalEnergies sobre o levantamento de casos de força maior seja influenciada por eventos em comunidades pobres. O risco para Cabo Delgado é que a liderança do EI remanescente possa querer intensificar o seu ataque aos civis e ao deslocamento forçado nos próximos meses.